

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE ELIZABETH II E MARGARETH THATCHER EM “THE CROWN”

DOI: 10.5935/2177-6644.20200022

ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN ELIZABETH II AND MARGARETH THATCHER IN “THE CROWN”

ANÁLISIS DE LA RELACIÓN ENTRE ELIZABETH II Y MARGARETH THATCHER EN “THE CROWN”

Valmir Moratelli *

Resumo: O artigo tem como objetivo propor uma análise da narrativa ficcional que traça relação de poder entre a rainha Elizabeth II e a primeira-ministra Margareth Thatcher, na série estadunidense “The Crown”, original da Netflix. Considerando-se a relevância das mídias visuais para construção de memórias, pretende-se compreender a reinterpretação de cenas históricas na lógica do consumo.

Palavras-chave: Representação. Linguagem audiovisual. Narrativa ficcional. Streaming

Abstract: The article aims to propose an analysis of the fictional narrative that traces the power relationship between Queen Elizabeth II and Prime Minister Margareth Thatcher, in the American series “The Crown”, Netflix's original. Considering the relevance of visual media for the construction of memories, we intend to understand the reinterpretation of historical scenes in the logic of consumption.

Key-words: Representation. Audiovisual language. Fictional narrative. Streaming.

Resumen: El artículo tiene como objetivo proponer un análisis de la narrativa de ficción que traza la relación de poder entre la reina Isabel II y la primera ministra Margareth Thatcher, en la serie estadounidense “The Crown”, original de Netflix. Considerando la relevancia de los medios visuales para la construcción de memorias, pretendemos entender la reinterpetación de escenas históricas en la lógica del consumo.

Palabras-clave: Representación. Lenguaje audiovisual. Narrativa de ficción. Transmisión.

* Doutorando em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. E-mail: vmoratelli@gmail.com

Introdução

Este breve artigo pretende analisar a narrativa ficcional que traça uma relação de poder entre duas mulheres idosas¹: a rainha Elizabeth II e a primeira-ministra Margareth Thatcher, na quarta temporada da série estadunidense “The Crown”², produção original de 2020 da empresa de *streaming* Netflix. Levando-se em consideração a relevância do papel desempenhado pelas mídias visuais na construção de memórias, pretende-se, também, compreender como os Estudos Culturais contribuem para se entender a reinterpretação de cenas emblemáticas que fazem alusão a fatos históricos. Pois, utilizando-se das palavras de Douglas Kellner (2001, p.77), “os estudos culturais examinam os efeitos dos textos da cultura da mídia, os modos como o público se apropria dela e a usa, além dos modos como imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral”.

Ambientada entre os anos 1980 e começo dos 1990, a mais recente temporada de “The Crown” traz uma releitura de vários momentos marcantes da monarquia britânica como, por exemplo, a relação entre a rainha Elizabeth II (interpretada por Olivia Colman) e a então primeira-ministra Margaret Thatcher (vivida por Gillian Anderson), conhecida também pela alcunha de “Dama de ferro”³. As cenas reproduzem os encontros oficiais entre ambas no Palácio de Buckingham, em Londres, sempre às terças-feiras pela manhã, mantendo tons de cordialidade, cobranças e desconfiança. Thatcher foi a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira-ministra, tendo permanecido no posto por onze anos, até 1990, aos 65 anos. Elizabeth II é apenas um ano mais velha que Thatcher.

São descritas ao longo dos dez episódios as diversas crises enfrentadas pelo Reino Unido durante o thatcherismo. Há ainda espaço para a Guerra das Malvinas; a invasão do Palácio de Buckingham por Michael Fagan, que, desempregado, consegue chegar até o quarto da rainha; o desaparecimento do filho de Thatcher e um relato pessoal sobre maternidade; o começo da relação entre o herdeiro Charles e a futura princesa Diana etc. Desse modo, elas são fio-condutores do roteiro, por serem dois eixos em torno dos quais giram as tramas paralelas.

¹ Compreendendo “idosa” toda pessoa acima de 60 anos, conforme a OMS.

² A produção milionária — estima-se em cerca de US\$ 100 milhões o custo de produção de cada temporada — foi vista em 73 milhões de lares desde que foi lançada em 2016 até o ano passado, pelos cálculos da própria empresa, que não costuma revelar os números de audiência. A terceira temporada, com Olivia Colman no papel da rainha Elizabeth II, foi assistida por 21 milhões de casas. A quarta temporada é a última temporada que terá Colman e os outros. O elenco será totalmente renovado para as quinta e sexta temporadas, que começam a ser filmadas em março de 2021.

³ Apelido dado por um jornalista soviético sobre seu estilo firme de liderança.

Consumo da nobreza

Na discussão nunca conclusiva se a realeza britânica traz mais lucros ou prejuízos aos cofres públicos, ressalta-se que a família real influencia a indústria de moda, turismo, entretenimento e, principalmente, de souvenirs. O impacto que os monarcas geram na economia é um dos alicerces da defesa de sua permanência até aqui inabalável. Desse modo, a publicidade em torno dos bastidores além-muros de Buckingham auxilia na manutenção de uma aura de historicidade e glamour preservados com os rituais seletivos que envolvem a rainha e os demais de sua família.

[...] A publicidade também é, em um certo sentido, a arte oficial da sociedade capitalista moderna: é o que ‘nós’ colocamos em ‘nossas’ ruas e usamos para preencher metade de ‘nossos’ jornais e revistas [...]. A breve descrição do padrão que possuímos é mágica: um sistema altamente organizado e profissional de persuasão e satisfação (WILLIAMS, 2015, p. 252-253).

Se para o sociólogo britânico Reymond Williams a publicidade é o cartão de visitas do capitalismo, pode-se supor que a família real o é para a monarquia. E fazer uso da publicidade é também se inserir nos novos tempos e garantir a manutenção de seu espaço. Em “The Crown”, a rainha, a mesma que ajudou a erguer a popularidade de Thatcher, se vê em determinado momento incomodada com a primeira-ministra sendo ovacionada publicamente, logo após a vitória nas Malvinas – uma guerra utilizada para se desviar as atenções das altas taxas de desemprego e fiascos sociais do então governo. Estas nuances, muitas vezes roteirizadas para darem maior combustão ao roteiro, dimensionam como a rainha precisa manter domínio sobre seus súditos.

O que Williams (2015) explica em *Cultura e Materialismo* é a difusão entre os limites do que é consumido e o que é usado. A família real, aqui, pode ser entendida, numa abrangência do termo, como um produto de consumo.

[...] A escolha fundamental que emerge nos problemas colocados pela produção industrial moderna está entre o homem enquanto consumidor e o homem enquanto usuário. A publicidade moderna, ou o sistema da mágica organizada, é funcionalmente importante para o obscurecimento dessa escolha (WILLIAMS, 2015, p. 254).

Obviamente, Williams refere-se a uma produção industrial em larga escala, entretanto sua lógica também se adequa à crítica contemporânea aos produtos de entretenimento. A família real, ou o que ela gera/é gerado a partir dela, entra nesta mesma lógica. Para o pensador inglês, “a publicidade, em suas formas modernas, opera para preservar o ideal de consumo da crítica inexoravelmente feita pela experiência” (2015, p. 257). Desse modo, a chamada experiência pode ser, por exemplo, a partir de uma série de televisão.

É certo que a família real não se utiliza de “The Crown” para se promover, visto que alguns

integrantes já se posicionaram contrários ao modo como são retratados na produção – entre eles o príncipe Charles, na conflituosa relação com a princesa Diana. Entretanto, o produto “família real” ou o produto “rainha” é vendido dentro da lógica de consumo que enaltece e valoriza padrões estéticos historicamente mantidos naquela sociedade: glamour, poder, riqueza, solidez etc.

A série não tem pretensão de se equiparar a um documentário, porém, ao se utilizar de personagens reais e da reprodução de cenografia que remete a espaços conhecidos, sua narrativa abrange um olhar atravessado pela releitura da história. A narrativa ficcional de “The Crown” insere Elizabeth e Thatcher como duas personagens que rivalizam pelo auge das cenas. Uma como protagonista, outra como antagonista.

A ambivalência faz parte do jogo político da mídia, assim como também nutre a narrativa ficcional. “Alguns textos da cultura da mídia defendem posições conservadoras. De modo semelhante, alguns textos da cultura da mídia defendem posições e representações progressistas de coisas como sexo, preferência sexual, raça ou etnia” (KELLNER, 2001, p. 77). O que se analisa neste trabalho é como “The Crown”, inserido na lógica na sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2011), se utiliza de diferentes posições para compor a narrativa ficcional entre Elizabeth e Thatcher.

Humanizações

Quem é a rainha? Quem é a primeira-ministra? A quarta temporada da série traça um paralelo muito instigante entre essas duas mulheres poderosas à época.

Segundo levantamento da reportagem da revista *Veja*⁴ de novembro de 2020, o início da tensão que desencadeou o escândalo do *The Sunday Times*⁵ foi a resistência de Thatcher em aprovar sanções contra o regime racista do apartheid, na África do Sul. Nas cenas da ficção, Thatcher se recusa a assinar o documento e inicia um martírio dos demais envolvidos para achar uma palavra que passe pelo seu crivo. De fato, a primeira-ministra se opunha às restrições contra a África do Sul; sabe-se que ela considerava que o apartheid não se sustentaria por si só. Assim, mantendo sua cartilha liberal, não haveria a necessidade de interferência econômica.

A construção narrativa desse episódio histórico coloca Thatcher no centro do comando,

⁴ “Palácio invadido e rixas com Thatcher, a história por trás de ‘The Crown’”. Publicada em 23 de novembro de 2020; acesso em 30 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/e-tudo-historia/palacio-invadido-e-rixas-com-thatcher-a-historia-por-tras-de-the-crown/>.

⁵ O jornal publicou uma matéria alegando que a rainha Elizabeth II estava chateada com o estilo de liderança de Margaret Thatcher. Na série, sob autorização da rainha, um funcionário do palácio passa a informação ao jornal. Na realidade, o fato nunca foi confirmado pela família real.

tendo diversos líderes de nações que compõem o Reino Unido à espera de sua decisão final, e só assim dar garantias legais ao documento. A rainha nada poderia fazer, a não ser aguardar que a primeira-ministra usasse da sensatez política. Ao longo dos episódios, a estereotipagem que segue para ambas é a de mulheres fortes, poderosas, geniosas e “duronas”. Para Stuart Hall (2016), em *Cultura e Representação*:

[...] a estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o ‘normal’ e o ‘pervertido’, o ‘normal’ e o ‘patológico’, o ‘aceitável’ e o ‘inaceitável’, o ‘pertencente’ e o que não pertence ou é ‘Outro’, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e ‘forasteiros’ (*outsiders*), entre nós e eles (HALL, 2016, p. 192).

São mulheres no comando, mas reproduzindo formatos de relações políticas estabelecidas por homens. O fato de serem mulheres, aqui, não altera o curso das ações. Não é um ponto de observação crítica, já que elas estão dentro do que Hall (2016) chama de “aceitável”, padronizadas nas reações de poder dominadas por agentes do sexo masculino.

Toda obra de ficção se utiliza de estereótipos para dar conta de suas personificações, visto que a estereotipagem, conforme Hall, “facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade imaginária’” (2016, p. 192). Isso fica evidente na série, por exemplo, quando a rainha e a primeira-ministra falam sobre maternidade, em um raro momento de maior intimidade entre as governantes. Se para Thatcher é normal assumir que tem preferência por um dos filhos, o seu primogênito, a rainha entra em conflito consigo mesma por não saber responder à mesma questão. O dilema gera um desenrolar de encontros predefinidos e isolados com seus filhos, para que a soberana consiga achar uma resposta que lhe aquiete.

É pertinente o estranhamento dessas representações, por não corresponderem a um ideal de feminilidade, que sempre coloca a mulher no lugar de frágil, indefesa, esposa e mãe. O que se associa à imagem da mulher é a função do acolhimento, do carinho, da proteção domiciliar, daí o desconforto quando mulheres em funções de poder não seguem esta tendência. Ao exercerem a autoridade habitualmente associada à figura masculina, mulheres em postos de comando são tidas como masculinizadas ou pouco afeitas às funções do lar.

Neste sentido, a historiadora especializada em estudos feministas Tania Navarro Swain (2008), em *Entre a vida e a morte, o sexo*, faz uma crítica contundente à centralidade do poder masculino, com foco na força do dispositivo da sexualidade. Ter poder é ser masculinizado, conforme se percebe na série. Isso porque, para a autora:

[...] o poder é sempre do pai, do masculino, a linguagem é o domínio do falo, da ereção, da racionalidade, da realidade; para o materno resta o ilusório, o irracional, a falta, a inveja, o

repúdio, ‘a culpa é sempre da mãe’. Que mecanismos tortuosos e bizarros são estes que atrelam razão e sexo, autoridade e ereção, o falo enquanto significante geral? Que cegueira social é esta, que vela as *estratégias de diferenciação dos sexos* para melhor instaurar uma ‘natural’ diferença política entre mulheres e homens? (SWAIN, 2008, p. 4).

A indagação de Swain (2008) encontra eco no trabalho de outra pesquisadora, Fernanda Dantas, em sua tese *Dilma Rousseff, uma mulher fora do lugar*, no qual traça uma discussão sobre o estereótipo das mulheres autoritárias na América do Sul. Para a autora, as expectativas sobre a liderança feminina em espaços de poder operam dentro de uma intervenção necessária para que se adeque o feminino em regras pré-estabelecidas. Ou seja, há uma tentativa de aproximar a imagem feminina do visual de poder de referência masculina. “O resultado é que, no processo de inserção ao espaço público, as mulheres absorvem a referência masculina” (DANTAS, 2019, p. 51). Isso explica, por exemplo, o apelido de Thatcher, “dama de ferro”, que remete a uma personalidade intransigente, firme, valente e rígida em seus propósitos.

Portanto, também recorrendo a Hall (2016), uma característica fortemente relacionada à estereotipagem é sua prática de “fechamento e exclusão”. Simbolicamente, o estereótipo fixa os limites e exclui tudo o que não lhe pertence. De um lado, quem é a mãe verdadeiramente humana, que assume sua preferência por um dos filhos; de outro, quem é a mãe que não consegue definir suas preferências, fraquezas e egoísmos. Isso está também relacionado a um estado de cultura inserido na sociedade. Após confrontar todos os seus herdeiros individualmente, surge então na tela uma rainha que enxerga defeitos em todos os seus filhos. É nesta virada que a rainha surge, enfim, mais humana.

Conforme Hall (2016), em seus estudos sobre representação, a cultura permeia toda a sociedade, por isso “o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da vida em sociedade” (HALL, 2016, p. 21). Assim, os sentidos são produzidos e definidos “em diferentes áreas e perpassados por vários processos ou práticas (o circuito cultural). O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” (HALL, 2016, p. 21).

A reportagem de *Veja* anteriormente citada traça paralelos entre a ficção e dados históricos para informar o que é real e o que foi criado para a produção televisiva. Em uma das cenas iniciais dessa relação de poder entre a rainha e a primeira-ministra, Thatcher diz que não pretendia ter mulheres em seu governo por considerar o gênero feminino “muito emotivo”. Mais uma vez, o valor simbólico do masculino precisa prevalecer na construção da imagem de poder, conforme citado anteriormente por Swain (2018) e Dantas (2019). Dada a confidencialidade das reuniões entre a monarca e a chefe de Estado, os diálogos dos encontros são meramente ficcionais. Além

disso, é de Thatcher a célebre frase: “Se quiser que algo seja dito, peça a um homem. Se quiser que algo seja realmente feito, peça a uma mulher”. Ainda assim, em onze anos à frente do parlamento britânico, Thatcher promoveu apenas uma mulher ao seu gabinete.

Líder do Partido Conservador, Thatcher era contra medidas inclusivas e costumava justificar a falta de companheiras femininas a uma escolha meritocrática, no qual as poucas mulheres na política não passariam pelo seu crivo — sua imagem em “The Crown” se inspira nos relatos históricos, de que era uma mulher fria, priorizando o fato econômico em detrimento da piedade com as questões sociais. A narrativa se utiliza dessa característica da personagem para manter um paralelo com a rainha, que parecia desconhecer as agruras pelas quais os seus súditos passavam sob domínio da “Dama de Ferro”.

Se Thatcher é, dessa forma, desenhada em um viés machista, a tomada de decisão não confere à sua rainha um papel tão antagonico. O episódio da invasão do Palácio de Buckingham por Michael Fagan ilustra este jogo de relações entre ambas as mulheres. O invasor, desesperado, alcança o quarto da rainha e a acorda para contar-lhe o que se passava na vida de plebeus, no momento em que o país gastava uma fortuna patrocinando uma guerra do outro lado do Atlântico. Enquanto Elizabeth aguarda por socorro, Fagan discursa sobre a situação dos pobres sob o comando de Margaret Thatcher, apontando a falta de emprego e cortes de auxílios sociais. Salienta-se que, oficialmente, o invasor teria dito apenas que a amava, nada além disso, portanto sem o discurso politicamente crítico da série. Mas esta cena é importante para realçar as dicotomias entre Elizabeth e Thatcher. Por um lado, ambas se aproximam por não parecerem saber o que se passa com o povo. Porém, enquanto Thatcher propõe aumentar a guarda do palácio por questão de segurança, Elizabeth não quer se distanciar do povo com medo da baixa popularidade. Na ficção, se Thatcher não se importa com o que pede o povo, Elizabeth tem um gesto nobre, o de ouvir o desesperado homem que invade seus aposentos reais. Ou seja, a construção de uma Thatcher fria serve para ajudar na humanização ficcional de uma Elizabeth atônita.

A ambivalência e o jogo comparativo são necessários, o tempo todo, para a manutenção da tensão do arco dramático. A rainha sempre teve como hábito se manter em um papel estritamente imparcial politicamente no contato direto com seus primeiros-ministros. O que insinua a série, pelo fato de Thatcher ser mulher e quase de sua idade, é que este hábito foi por vezes ignorado pela rainha. “Na cultura de mídia há uma luta entre representações que reproduzem as lutas sociais existentes e transcodificam os discursos políticos da época” (KELLNER, 2001, p.77).

A humanização das personagens se dá pela troca entre ambas, pelas comparações de suas

ações de âmbito familiar, privado. Thatcher aparece cozinhando para seus colegas de Parlamento, em casa, de avental, entre uma reunião e outra. É também exposto o lado mãe de família preocupada com um dos filhos, que some durante um *rally* no deserto do Marrocos. Elizabeth é a “mãe da nação” e, mesmo mantendo os rígidos protocolos da realeza, tenta auxiliar os herdeiros nos dilemas íntimos – como a reunião para acalmar uma das diversas crises no casamento de Charles e Diana. Esta construção maternal da rainha mantém a força de toda a temporada, agindo para que, tal como Thatcher, ela mostre que tem controle sobre suas ações e a nas dos demais que as rodeiam.

Idosas?

Em *Cenas da vida pós-moderna*, Beatriz Sarlo (1997) enfrenta as questões contemporâneas que muitos tentam ignorar. Mostra que é possível manter a perspectiva crítica mesmo aceitando a predominância do mercado e da mídia como orientadores da cultura contemporânea, desse modo negar ou demonizar esse dado seria retroceder a visões nostálgicas, politicamente impotentes. A teórica argentina se concentra na discussão de que nas sociedades de industrialização tardia não há mais centro – é difícil definir o que é centro nestas cidades. País que primeiro conheceu a industrialização, a Inglaterra, segue firme em seu eixo central – e aí não apenas pensando no conceito de cidade trazido por Sarlo, mas também no conceito de centro/periferia no sistema político. A rainha é, ainda hoje, o seu centro inabalável, a pessoa-símbolo da Coroa britânica.

É um centro estrutural e simbólico, já que o poder de decisão prática cabe à figura do primeiro-ministro no parlamento. E isso se deve, muito em parte, à forma como se consome e se interpreta a personificação da família real, um objeto político-cultural de valor simbólico para os britânicos. Isso é tão importante que se faz necessário para que os mesmos se entendam como pertencentes a uma unidade. “[Os objetos] Tornaram-se tão valiosos para a construção de uma identidade, são tão centrais no discurso da fantasia, despejam tamanha infâmia sobre quem não os possui, que parecem feitos de matéria resistente e inacessível dos sonhos” (SARLO, 1997, p. 30).

Elizabeth e Thatcher são duas senhoras, já tendo ultrapassado a barreira dos sessenta anos, quando se reúnem nos últimos episódios da quarta temporada de “The Crown”. A questão geracional, entretanto, em nenhum momento fica evidenciada nos diálogos. A escolha por não se frisar que se trata, aqui, de duas idosas é notória por: 1. Valorizar o papel da mulher idosa como atividade propulsora e ativa na sociedade, inclusive no meio político; 2. Ambas as personagens históricas não se permitiam se enxergarem como instáveis ou inoperantes de suas faculdades mentais, tendo a rainha completado 94 anos em 2020.

[...] Numa corrida contra o tempo, o mercado propõe uma ficção consoladora: a velhice pode ser adiada e possivelmente – não agora, mas talvez em breve para sempre vencida... No cenário público, os corpos devem adequar-se à função perfeita, à prova de velhice, que antes se esperava das mercadorias (SARLO, 1997, p. 31).

Estariam as duas – Elizabeth e Thatcher – inseridas neste conceito de velhice postergada dita por Sarlo (1997)? A nosso ver, a velhice, por não ser um assunto que as domina, não pode também ser entendida nesse conceito, já que, ao não se assumirem idosas, o assunto não vem a debate. Elizabeth e Thatcher são figuras que transcendem a questão etária, diferentemente de como lidam com a questão de gênero na qual melhor se inserem ao discutirem, por exemplo, dilemas da maternidade.

Em uma narrativa inicial dessa relação, Thatcher é convidada para se divertir com a rainha em um jogo e, depois, sair para caçar. Ela até se esforça, mas mostra total falta de entusiasmo pelas brincadeiras da realeza, não sabendo nem o tipo de roupa adequada para a ocasião. O diálogo subsequente expõe que a primeira-ministra pensa que deveria usar aquele tempo trabalhando, e não socializando na intimidade com a realeza. Fraquezas e piedade, atreladas a significações para a velhice, não fazem parte das ações de ambas as personagens. Assim como o marasmo e a aposentadoria são palavras que não se percebe nas entrelinhas da narrativa. O assunto apenas fica a cargo de uma personagem secundária, a irmã mais nova da rainha, a princesa Margaret (interpretada por Helena Bonham Carter). Margaret se desespera ao saber pela própria rainha que deixará de ter uma função na realeza, devido a sua idade. Elizabeth não se solidariza com os apelos da irmã, e a afasta do cargo para manter o rito de passagem.

Na última reunião de Thatcher com a rainha, já no episódio final, Elizabeth dá à “Dama de Ferro” a medalha da Ordem ao Mérito. Na realidade, a reunião, tal como mostra a série, não aconteceu. Thatcher foi à Câmara dos Comuns e renunciou, não houve qualquer visita ao Palácio de Buckingham para uma despedida que marcasse o fim da relação entre as duas personagens. A cena na ficção é importante, entretanto, para se prestar a um último confronto das duas senhoras. Thatcher agradece a condecoração, emocionada, ainda que lamentando não poder dar continuidade ao seu projeto de governo e sem saber o que fará fora da atuação política; Elizabeth, no auge da frieza de sua coroa, se emociona, ainda que comedidamente, com o gesto da parceira. Assim, em “The Crown”, a figura de Elizabeth consegue ser humanizada graças à presença de Thatcher. É possível afirmar que a ficção empresta um desfecho possível a esta dupla, que se equilibra entre semelhanças pessoais que evitam enxergar.

Considerações finais

Passadas três décadas de quando o Reino Unido era comandado por Thatcher e Elizabeth, duas mulheres acima dos 60 anos, ainda se questiona como mulheres e idosos podem e devem contribuir socialmente nas questões políticas. Em alguns países, como é o caso do Brasil, a lei que obriga partidos políticos a terem o mínimo garantido de representação feminina ainda precisa de amadurecimento para ser respeitada. Pela importância histórica e pioneirismo alcançado em ambas as personagens, as releituras ficcionais que o entretenimento propõe acerca de Elizabeth e Thatcher permitem interpretações diversas para se questionar os caminhos possíveis da sociedade.

Este artigo pretendeu analisar a construção narrativa da quarta temporada de “The Crown”, para entender como a humanização de Elizabeth se dá no confronto comparativo com Thatcher, ambas mulheres de idades semelhantes, mães de família e com dilemas particulares para gerirem. A reconstrução imagética de fatos históricos traz cenas ficcionais que obedecem ou não à realidade. A cada nova temporada, os produtores da série precisam dar entrevistas defendendo que “The Crown” é meramente um produto de ficção televisiva e, por isso, se permitem a uma quantidade de licenças criativas que precisam ser tomadas para criar volume e drama no entretenimento.

Por mais próximas que as pesquisas sejam sobre a História, a dualidade ficção x realidade reforça como os Estudos Culturais também podem contribuir para as releituras possíveis de eventos historicamente retratados na lógica da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997). Personagens reais emprestam suas nuances e dicotomias a serviço do entretenimento. Como estes personagens ganham novas “vidas” – e os fatos narrados, outras versões – também merece foco para futuros trabalhos.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

DANTAS, Fernanda. **Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar**: As narrativas da mídia sobre a primeira Presidenta do Brasil. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade), Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2019.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1ª edição, 1997.

ÉPOCA. Família real britânica traz mais gastos ou lucros para a econômica britânica. **Revista Época Negócios**, 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/05/familia-real-britanica-traz-mais-gastos-ou-lucro-economia-britanica.html>

GALAZ, Mabel. Príncipe Charles se enfurece com sua imagem retratada em The Crown. **Jornal El**

Pais – Cultura, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/gente/2020-11-19/principe-charles-se-enfurece-com-sua-imagem-retratada-em-the-crown.html>

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: editora Apicuri, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SPLASH, Ana Carolina Silva De. Frieza de Thatcher em The Crown consegue humanizar até a rainha Elizabeth. **Portal UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/11/11/frieza-de-thatcher-em-the-crown-consegue-humanizar-ate-a-rainha-elizabeth.htm>.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tânia Navarro (Orgs). **A construção dos corpos**: perspectivas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008. Disponível online em <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127097005>. Acessado em 05 de março 2020

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp. 2015

WILLIAMS, R. Com vistas a uma sociologia da cultura; Instituições. In: _____. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Recebido em: 15 de janeiro de 2021.

Aprovado em: 08 de março de 2021.